

Mar Absoluto

Giselda Medeiros

O ranger melancólico da cadeira deslizando sobre rodas nervosas quebrou o silêncio cinza da sala. Inerme, calava uma verdade que teimava em vir sempre à tona, àquelas noites, já envelhecendo no tempo.

Ao presentir-la, levantei os olhos do texto ao qual me prendia, talvez, para fugir... digo melhor, para manter-me anestesiada. Como poderia alguém ser tão cafajeste, logo com ela! Já soubera de outros casos torpes, mas como aquele, nunca!

Quis que a pusesse à janela que dava vista para o mar. Estava uma noite triste e cheia de sombras movediças. Sabia o que queria ali à janela: misturar à sua a solidão medonha do mar. Ele lhe era o refúgio e, sempre que se punha naquela comunhão de águas, interrogava-me como ele estava, e eu lhe respondia, como se estivesse reproduzindo um texto, recontando-lhe uma longa história, à qual ela arrematava com a mesma frase e com as mesmas lágrimas que tremeluziam do azul morto de seu olhar.

O vento varria o silêncio e lhe desmanchava as douradas mechas do cabelo, naquela noite, igual à de uma outra, no passado, quando tinha o cabelo solto, livre, caindo-lhe aos ombros. “Você é linda assim!”

Chorava, enquanto as sombras cresciam como fantasmas atrelados a uma carruagem de lembranças amargas, a pisoteá-la com suas gargalhadas sinistras. “Por Deus, não! Não!” E as risadas movendo-se no canto daquelas bocas daninhas, açulando-a até o extremo do desespero. “Por Deus, não! Não!”

Abracei-a com o calor do agasalho que lhe pus sobre a brancura das espáduas. “Vamos é hora de dormir!” Não quis. Ficou ainda, como que a fixar a escuridão da noite que abraçava o mar. Ah, o mar! O “mar absoluto!” Eu quero essa “solidão robusta” que vem de ti, essa “ausência humana, que se opõe ao mesquinho formigar do mundo, e faz o tempo inteiriço, livre das lutas de cada dia”. Ainda recorria aos versos que eu lia, lia, lia, repetidas vezes, a seu pedido. E concluía lugubrememente: “o mar é mesmo um touro azul por sua própria sombra”.

Era somente nesses instantes de arrebatamento poético que eu podia vislumbrar nela um risco frágil de tímida alegria desenhar-se no canto da boca. E eu via navegar, no enorme sulco entre as sobrancelhas, um leve ber-

gantim de afoita placidez. Entretanto, ao reassomar a borrasca, perdia-se por entre as ondas, estupidamente.

Por mais que eu tentasse vasculhar aquela dor íntima, numa tentativa de exorcizá-la, o que conseguia era invadir-me de uma enorme piedade, não a piedade que afronta e aniquila o ser humano, mas aquela piedade solidária, que me impingia o dever de estar, ali, ao lado daquela criatura, quase embrutecida pela dor e pela vergonhosa traição. Quis dizer-lhe “não a deixarei, Eliana!”, mas engoli as palavras. Ah, aquela frase... Quantas vezes, ela a ouvira, no perpassar dos cinco anos que sucederam ao acidente! E como lhe fizera bem ouvi-la, senti-la, penetrar-lhe o âmago, como uma descarga de amor que julgava sincero. “Eliana, quer passear?” E lá se iam as duas, sorrindo, gargalhando, ao deslizar da cadeira de rodas, empurrada aos risos de felicidade. “Agora, Eliana, é hora de dormir!” E ela ia dormir, álcere, porque tinha um anjo da guarda. Pela manhã, os três despertavam alvoroçados de ternura. Sim, porque Vilma vinha sempre no meio da noite, pele lisa e cheirosa, carne fresca e succulenta de anjo da guarda. E guardava Eliana, dava-lhe chás preparados a rigor... E Eliana dormia no paraíso, enquanto ela, Vilma, experimentava um outro céu.

Eliana era feliz, mesmo naquele mundo povoado de sombras. Era feliz! Tinha o marido zeloso e Vilma (mais que enfermeira), com quem dividia tudo (sim, tudo!). “Por Deus, não. Não!”

— Vamos, Eliana, já está muito frio!

Nem me respondeu. Continuou, ali, olhar vago a derramar-se na escuridão da dor. Esticou a cabeça, como se quisesse ver algo muito além das sombras, nela, e no mar. “Olhe os búzios, que lindos!” Búzios da infância que a enterneciam nas tardes que nunca anoiteciam!

— Que búzios, Eliana?

Era noite! Uma noite líquida, imensa, a derramar-se sobre as reminiscências... Uma noite escura como aquele “mar absoluto” e cego.